FERNANDO PESSOA

Poemas Completos de Ricardo Reis

POEMAS COMPLETOS DE

RICARDO REIS

FERNANDO PESSOA

- POESIA -

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

MESTRE, SÃO PLÁCIDAS

Mestre, são plácidas

Todas as horas

Que nós perdemos,

Se no perdê-las,

Qual numa jarra,

Nós pomos flores.

Não há tristezas

Nem alegrias

Na nossa vida.

Assim saibamos,

Sábios incautos,

Não a viver,

Mas decorrê-la,

Tranquilos, plácidos,

Lendo as crianças

Por nossas mestras,

E os olhos cheios

De Natureza...

À beira-rio,

À beira-estrada,

Conforme calha,

Sempre no mesmo

Leve descanso

De estar vivendo.

O tempo passa,

Não nos diz nada.

Envelhecemos.

Saibamos, quase

Maliciosos,

Sentir-nos ir.

Não vale a pena

Fazer um gesto.

Não se resiste

Ao deus atroz

Que os próprios filhos

Devora sempre.

Colhamos flores.

Molhemos leves

As nossas mãos

Nos rios calmos,

Para aprendermos

Calma também.

Girassóis sempre

Fitando o sol,

Da vida iremos

Tranquilos, tendo

Nem o remorso

De ter vivido.

DEUSES DESTERRADOS

Os deuses desterrados.

Os irmãos de Saturno,

Às vezes, no crepúsculo

Vêm espreitar a vida.

Vêm então ter connosco

Remorsos e saudades

E sentimentos falsos.

É a presença deles,

Deuses que o destroná-los

Tornou espirituais,

De matéria vencida,

Longínqua e inativa.

Vêm, inúteis forças,

Solicitar em nós

As dores e os cansaços,

Que nos tiram da mão,

Como a um bêbedo mole,

A taça da alegria.

Vêm fazer-nos crer,

Despeitadas ruínas

De primitivas forças,

Que o mundo é mais extenso

Que o que se vê e palpa,

Para que ofendamos

A Júpiter e a Apolo.

Assim até à beira

Terrena do horizonte

Hiperion no crepúsculo

Vem chorar pelo carro

Que Apolo lhe roubou.

E o poente tem cores

Da dor dom deus longínquo,

E ouve-se soluçar

Para além das esferas...

Assim choram os deuses.

COROAI-ME DE ROSAS

Coroai-me de rosas,

Coroai-me em verdade,

De rosas -

Rosas que se apagam

Em fronte a apagar-se

Tão cedo!

Coroai-me de rosas

E de folhas breves.

E basta.

O DEUS PÃ NÃO MORREU

O Deus Pã não morreu,

Cada campo que mostra

Aos sorrisos de Apolo

Os peitos nus de Ceres-

Cedo ou tarde vereis

Por lá aparecer

O deus Pã, o imortal.

Não matou outros deuses

O triste deus cristão.

Cristo é um deus a mais,

Talvez um que faltava.

Pã continua a ciar

Os sons da sua flauta

Aos ouvidos de Ceres

Recumbente nos campos.

Os deuses são os mesmos,

Sempre claros e calmos,

Cheios de eternidade

E desprezo por nós,

Trazendo o dia e a noite

E as colheitas douradas

Sem ser para nos dar o dia e a noite e o trigo

Mas por outro e divino

Propósito casual.

DIA SUAVE

De Apolo o carro rodou para fora

Da vista. A poeira que levantara

Ficou enchendo de leve névoa

O horizonte;

A flauta calma de Pã, descendo

O seu tom agudo no ar pausado,

Deu mais tristezas ao moribundo

Dia suave.

Cálida e loura, núbil e triste,

Tu, mondadeira dos prados quentes,

Ficas ouvindo, com os teus passos

Mais arrastados,

A flauta antiga do deus durando

Com o ar que cresce para vento leve,

E sei que pensas na deusa clara

Nada dos mares,

E que vão ondas lá muito adentro

Do que o teu seio sente cansado

Enquanto a flauta sorrindo chora

Palidamente.

VEM SENTAR-TE COMIGO LÍDIA

Vem sentar-te comigo Lídia, à beira do rio.

Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos

Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.

(Enlacemos as mãos.)

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida

Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,

Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,

Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.

Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.

Mais vale saber passar silenciosamente

E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,

Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,

Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,

E sempre iria ter ao mar.

Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,

Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,

Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro

Ouvindo correr o rio e vendo-o.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as

No colo, e que o seu perfume suavize o momento -

Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,

Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois

Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova,

Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos

Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu levares o óbolo ao barqueiro sombrio,

Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.

Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim - à beira-rio,

Pagã triste e com flores no regaço.

AO LONGE

Ao longe os montes têm neve ao sol,

Mas é suave já o frio calmo

Que alisa e agudece

Os dardos do sol alto.

Hoje, Neera, não nos escondamos,

Nada nos falta, porque nada somos.

Não esperamos nada

E ternos frio ao sol.

Mas tal como é, gozemos o momento,

Solenes na alegria levemente,

E aguardando a morte

Como quem a conhece.

SÓ TER FLORES

Só ter flores pela vista fora

Nas áleas largas dos jardins exatos

Basta para podermos

Achar a vida leve.

De todo o esforço seguremos quedas

As mãos, brincando, para que nos não tome

Do pulso, e nos arraste.

E vivamos assim,

Buscando o mínimo de dor ou gozo,

Bebendo a goles os instantes frescos,

Translúcidos como água

Em taças detalhadas,

Da vida pálida levando apenas

As rosas breves, os sorrisos vagos,

E as rápidas carícias

Dos instantes volúveis.

Pouco tão pouco pesará nos braços

Com que, exilados das supernas luzes,

Escolhermos do que fomos

O melhor para lembrar

Quando, acabados pelas Parcas, formos,

Vultos solenes de repente antigos,

E cada vez mais sombras,

Ao encontro fatal

Do barco escuro no soturno rio,

E os nove abraços do horror estígio,

E o regaço insaciável

Da pátria de Plutão.

A PALIDEZ DO DIA

A palidez do dia é levemente dourada.

O sol de inverno faz luzir como orvalho as curvas

Dos troncos de ramos Secos.

O frio leve treme.

Desterrado da pátria antiquíssima da minha

Crença, consolado só por pensar nos deuses,

Aqueço-me trémulo

A outro sol do que este.

O sol que havia sobre o Pártenon e a Acrópole

O que alumiava os passos lentos e graves

De Aristóteles falando.

Mas Epicuro melhor

Me fala, com a sua cariciosa voz terrestre

Tendo para os deuses uma atitude também de deus,

Sereno e vendo a vida

À distância a que está.

NÃO TENHAS NADA NAS MÃOS

Não tenhas nada nas mãos

Nem uma memória na alma,

Que quando te puserem

Nas mãos o óbolo último,

Ao abrirem-te as mãos

Nada te cairá.

Que trono te querem dar

Que Átropos to não tire?

Que louros que não fanem

Nos arbítrios de Minos?

Que horas que te não tornem

Da estatura da sombra

Que serás quando fores

Na noite e ao fim da estrada.

Colhe as flores mas larga-as,

Das mãos mal as olhaste.

Senta-te ao sol. Abdica

E sê rei de ti próprio.

SÁBIO É...

Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo,
E ao beber nem recorda
Que já bebeu na vida,
Para quem tudo é novo
E imarcescível sempre.

Coroem-no pâmpanos, ou heras, ou rosas voluteis,
Ele sabe que a vida
Passa por ele e tanto
Corta à flor como a ele
De Átropos a tesoura.

Mas ele sabe fazer que a cor do vinho esconda isto,

Que o seu sabor orgíaco

Apague o gosto às horas,

Como a uma voz chorando

O passar das bacantes.

E ele espera, contente quase e bebedor tranquilo,

E apenas desejando

Num desejo mal tido

Que a abominável onda

O não molhe tão cedo.

AS ROSAS

As rosas amo dos jardins de Adónis,

Essas volucres amo, Lídia, rosas,

Que em o dia em que nascem,

Em esse dia morrem.

A luz para elas é eterna, porque

Nascem nascido já o sol, e acabam

Antes que Apolo deixe

O seu curso visível.

Assim façamos nossa vida um dia,

Inscientes, Lídia, voluntariamente

Que há noite antes e após

O pouco que duramos.

CUIDAS, ÍNVIO

Cuidas, ínvio, que cumpres, apertando *(pensas)*

Os teus infecundos, trabalhosos dias

Em feixes de hirta lenha,

Sem ilusão a vida.

A tua lenha é só peso que levas

Para onde não tens fogo que te aqueça,

Nem sofrem peso aos ombros

As sombras que seremos.

Para folgar não folgas; e, se leoas,

Antes legues o exemplo, que riquezas,

De como a vida basta

Curta, nem também dura.

Pouco usamos do pouco que mal temos.

A obra cansa, o ouro não é nosso.

De nós a mesma fama

Ri-se, que a não veremos

Quando, acabados pelas Parcas, formos,

Vultos solenes, de repente antigos,

E cada vez mais sombras,

Ao encontro fatal -

O barco escuro no soturno rio,

E os novos abraços da frieza estígia

E o regaço insaciável

Da pátria de Plutão.

NÃO CONSENTEM OS DEUSES

Não consentem os deuses mais que a vida.

Tudo pois refusemos, que nos alce

A irrespiráveis píncaros,

Perenes sem ter flores.

Só de aceitar tenhamos a ciência,

E, enquanto bate o sangue em nossas fontes,

Nem se engelha connosco

O mesmo amor, duremos,

Como vidros, às luzes transparentes

E deixando escorrer a chuva triste,

Só mornos ao sol quente,

E refletindo um pouco.

CADA COISA A SEU TEMPO

Cada coisa a seu tempo tem seu tempo.

Não florescem no inverno os arvoredos,

Nem pela primavera

Têm branco frio os campos.

À noite, que entra, não pertence, Lídia,

O mesmo ardor que o dia nos pedia.

Com mais sossego amemos

A nossa incerta vida.

À lareira, cansados não da obra

Mas porque a hora é a hora dos cansaços,

Não puxemos a voz

Acima de um segredo,

E casuais, interrompidas, sejam

Nossas palavras de reminiscência

(Não para mais nos serve

A negra ida do Sol) -

Pouco a pouco o passado recordemos

E as histórias contadas no passado

Agora duas vezes

Histórias, que nos falem

Das flores que na nossa infância ida

Com outra consciência nós colhíamos

E sob uma outra espécie

De olhar lançado ao mundo.

E assim, Lídia, à lareira, como estando,

Deuses lares, ali na eternidade,

Como quem compõe roupas

O outrora compúnhamos

Nesse desassossego que o descanso

Nos traz às vidas quando só pensamos

Naquilo que já fomos,

E há só noite lá fora.

DA NOSSA SEMELHANÇA COM OS DEUSES

Da nossa semelhança com os deuses

Por nosso bem tiremos

Julgarmo-nos deidades exiladas

E possuindo a Vida

Por uma autoridade primitiva

E coeva de Jove.

Altivamente donos de nós-mesmos,

Usemos a existência

Como a vila que os deuses nos concedem

Para, esquecer o estio.

Não de outra forma mais apoquentada

Nos vale o esforço usarmos

A existência indecisa e afluente

Fatal do rio escuro.

Como acima dos deuses o Destino

É calmo e inexorável,

Acima de nós-mesmos construamos

Um fado voluntário

Que quando nos oprima nós sejamos

Esse que nos oprime,

E quando entremos pela noite dentro

Por nosso pé entremos.

SÓ ESTA LIBERDADE NOS CONCEDEM

Só esta liberdade nos concedem

Os deuses: submetermo-nos

Ao seu domínio por vontade nossa.

Mais vale assim fazermos

Porque só na ilusão da liberdade

A liberdade existe.

Nem outro jeito os deuses, sobre quem

O eterno fado pesa,

Usam para seu calmo e possuído

Convencimento antigo

De que é divina e livre a sua vida.

Nós, imitando os deuses,

Tão pouco livres como eles no Olimpo,

Como quem pela areia

Ergue castelos para encher os olhos,

Ergamos nossa vida

E os deuses saberão agradecer-nos

O sermos tão como eles.

AQUI, NEERA, LONGE

Aqui, Neera, longe

De homens e de cidades,

Por ninguém nos tolher

O passo, nem vedarem

A nossa vista as casas,

Podemos crer-nos livres.

Bem sei, é flava, que inda

Nos tolhe a vida o corpo,

E não temos a mão

Onde temos a alma;

Bem sei que mesmo aqui

Se nos gasta esta carne

Que os deuses concederam

Ao estado antes de Averno.

Mas aqui não nos prendem

Mais coisas do que a vida,

Mãos alheias não tomam

Do nosso braço, ou passos

Humanos se atravessam

Pelo nosso caminho.

Não nos sentimos presos

Senão com pensarmos nisso,

Por isso não pensemos

E deixemo-nos crer

Na inteira liberdade

Que é a ilusão que agora

Nos torna iguais dos deuses.

LÂMPADA NOTURNA

Da lâmpada noturna

A chama estremece

E o quarto alto ondeia.

Os deuses concedem

Aos seus calmos crentes

Que nunca lhes trema

A chama da vida

Perturbando o aspeto

Do que está em roda,

Mas firme e esguiada

Como preciosa

E antiga pedra,

Guarde a sua calma

Beleza contínua.

AS NINFAS

O ritmo antigo que há em pés descalços,

Esse ritmo das ninfas repetido,

Quando sob o arvoredo

Batem o som da dança,

Vós na alva praia relembrai, fazendo,

Que escura a espuma deixa; vós, infantes,

Que inda não tendes cura

De ter cura, responde

Ruidosa a roda, enquanto arqueia Apolo

Como um ramo alto, a curva azul que doura,

E a perene maré

Flui, enchente ou vazante.

VÓS QUE, CRENTES EM CRISTOS E MARIAS

Vós que, crentes em Cristos e Marias,

Turvais da minha fonte as claras águas

Só para me dizerdes

Que há águas de outra espécie

Banhando prados com melhores horas

Dessas outras regiões pra que falar-me

Se estas águas e prados

São de aqui e me agradam?

Esta realidade os deuses deram

E para bem real a deram externa.

Que serão os meus sonhos

Mais que a obra dos deuses?

Deixai-me a Realidade do momento

E os meus deuses tranquilos e imediatos

Que não moram no Vago

Mas nos campos e rios.

Deixai-me a vida ir-se pagãmente

Acompanhada pelas avenas ténues

Com que os juncos das margens

Se confessam de Pã.

Vivei nos vossos sonhos e deixai-me

O altar imortal onde é meu culto

E a visível presença

Os meus próximos deuses.

Inúteis procos do melhor que a vida,

Deixai a vida aos crentes mais antigos

Que a Cristo e a sua cruz

E Maria chorando.

Ceres, dona dos campos, me console

E Apolo e Vênus, e Úrano antigo

E os trovões, com o interesse

De irem da mão de Jove.

O MAR JAZ

O mar jaz; gemem em segredo os ventos

Em Éolo cativos;

Só com as pontas do tridente as vastas

Águas franze Neptuno;

E a praia é alva e cheia de pequenos

Brilhos sob o sol claro.

Inutilmente parecemos grandes.

Nada, no alheio mundo,

Nossa vista grandeza reconhece

Ou com razão nos serve.

Se aqui de um manso mar meu fundo indício

Três ondas o apagam,

Que me fará o mar que na atra praia

Ecoa de Saturno?

ANTES DE NÓS

Antes de nós nos mesmos arvoredos

Passou o vento, quando havia vento,

E as folhas não falavam

De outro modo do que hoje.

Passamos e agitamo-nos debalde.

Não fazemos mais ruído no que existe

Do que as folhas das árvores

Ou os passos do vento.

Tentemos pois com abandono assíduo

Entregar nosso esforço à Natureza

E não querer mais vida

Que a das árvores verdes.

Inutilmente parecemos grandes.

Salvo nós nada pelo mundo fora

Nos saúda a grandeza

Nem sem querer nos serve.

Se aqui, à beira-mar, o meu indício

Na areia o mar com ondas três o apaga,

Que fará na alta praia

Em que o mar é o Tempo?

ACIMA DA VERDADE

Acima da verdade estão os deuses.

A nossa ciência é uma falhada cópia

Da certeza com que eles

Sabem que há o Universo.

Tudo é tudo, e mais alto estão os deuses,

Não pertence à ciência conhecê-los,

Mas adorar devemos

Seus vultos como às flores,

Porque visíveis à nossa alta vista,

São tão reais como reais as flores

E no seu calmo Olimpo

São outra Natureza.

ANJOS OU DEUSES

Anjos ou deuses, sempre nós tivemos,

A visão perturbada de que acima

De nos e compelindo-nos

Agem outras presenças.

Como acima dos gados que há nos campos

O nosso esforço, que eles não compreendem,

Os coage e obriga

E eles não nos percebem,

Nossa vontade e o nosso pensamento

São as mãos pelas quais outros nos guiam

Para onde eles querem

E nós não desejamos.

TIREM-ME OS DEUSES

Tirem-me os deuses

Em seu arbítrio

Superior e urdido às escondidas

O Amor, glória e riqueza.

Tirem, mas deixem-me,

Deixem-me apenas

A consciência lúcida e solene

Das coisas e dos seres.

Pouco me importa

Amor ou glória,

A riqueza é um metal, a glória é um eco

E o amor uma sombra.

Mas a concisa

Atenção dada

Às formas e às maneiras dos objetos

Tem abrigo seguro.

Seus fundamentos

São todo o mundo,

Seu amor é o plácido Universo,

Sua riqueza a vida.

A sua glória

É a suprema

Certeza da solene e clara posse

Das formas dos objetos.

O resto passa,

E teme a morte.

Só nada teme ou sofre a visão clara

E inútil do Universo.

Essa a si basta,

Nada deseja

Salvo o orgulho de ver sempre claro

Até deixar de ver.

BOCAS ROXAS DE VINHO

Bocas roxas de vinho,

Testas brancas sob rosas,

Nus, brancos antebraços

Deixados sobre a mesa;

Tal seja, Lídia, o quadro

Em que fiquemos, mudos,

Eternamente inscritos

Na consciência dos deuses.

Antes isto que a vida

Como os homens a vivem

Cheia da negra poeira

Que erguem das estradas.

Só os deuses socorrem

Com seu exemplo aqueles

Que nada mais pretendem

Que ir no rio das coisas.

OUVI CONTAR

Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia

Tinha não sei qual guerra,

Quando a invasão ardia na

Cidade E as mulheres gritavam,

Dois jogadores de xadrez jogavam

O seu jogo contínuo.

À sombra de ampla árvore fitavam

O tabuleiro antigo,

E, ao lado de cada um, esperando os seus

Momentos mais folgados,

Quando havia movido a pedra, e agora

Esperava o adversário.

Um púcaro com vinho refrescava

Sobriamente a sua sede.

Ardiam casas, saqueadas eram

As arcas e as paredes,

Violadas, as mulheres eram postas

Contra os muros caídos,

Traspassadas de lanças, as crianças

Eram sangue nas ruas...

Mas onde estavam, perto da cidade,

E longe do seu ruído,

Os jogadores de xadrez jogavam

O jogo de xadrez.

Inda que nas mensagens do ermo vento

Lhes viessem os gritos,

E, ao refletir, soubessem desde a alma

Que por certo as mulheres

E as tenras filhas violadas eram

Nessa distância próxima,

Inda que, no momento que o pensavam,

Uma sombra ligeira

Lhes passasse na fronte alheada e vaga,

Breve seus olhos calmos

Volviam sua atenta confiança

Ao tabuleiro velho.

Quando o rei de marfim está em perigo,

Que importa a carne e o osso

Das irmãs e das mães e das crianças?

Quando a torre não cobre

A retirada da rainha branca,

O saque pouco importa.

E quando a mão confiada leva o xeque

Ao rei do adversário,

Pouco pesa na alma que lá longe

Estejam morrendo filhos.

Mesmo que, de repente, sobre o muro

Surja a sanhuda face

Dum guerreiro invasor, e breve deva

Em sangue ali cair

O jogador solene de xadrez,

O momento antes desse

(É ainda dado ao cálculo dum lance

Pra a efeito horas depois)

É ainda entregue ao jogo predileto

Dos grandes indiferentes.

Caiam cidades, sofram povos, cesse

A liberdade e a vida.

Os haveres tranquilos e avitos

Ardem e que se arranquem,

Mas quando a guerra os jogos interrompa,

Esteja o rei sem xeque,

E o de marfim peão mais avançado

Pronto a comprar a torre.

Meus irmãos em amarmos Epicuro

E o entendermos mais

De acordo com nós-próprios que com ele,

Aprendamos na história

Dos calmos jogadores de xadrez

Como passar a vida.

Tudo o que é sério pouco nos importe,

O grave pouco pese,

O natural impulso dos instintos

Que ceda ao inútil gozo

(Sob a sombra tranquila do arvoredo)

De jogar um bom jogo.

O que levamos desta vida inútil

Tanto vale se é

A glória, a fama, o amor, a ciência, a vida,

Como se fosse apenas

A memória de um jogo bem jogado

E uma partida ganha

A um jogador melhor.

A glória pesa como um fardo rico,

A fama como a febre,

O amor cansa, porque é a sério e busca,

A ciência nunca encontra,

E a vida passa e dói porque o conhece...

O jogo do xadrez

Prende a alma toda, mas, perdido, pouco

Pesa, pois não é nada.

Ah! Sob as sombras que sem querer nos amam,

Com um púcaro de vinho

Ao lado, e atentos só à inútil faina

Do jogo do xadrez

Mesmo que o jogo seja apenas sonho

E não haja parceiro,

Imitemos os persas desta história,

E, enquanto lá fora,

Ou perto ou longe, a guerra e a pátria e a vida

Chamam por nós, deixemos

Que em vão nos chamem, cada um de nós

Sob as sombras amigas

Sonhando, ele os parceiros, e o xadrez

A sua indiferença.

PREFIRO ROSAS

Prefiro rosas, meu amor, à pátria,

E antes magnólias amo

Que a glória e a virtude.

Logo que a vida me não canse, deixo

Que a vida por mim passe

Logo que eu fique o mesmo.

Que importa àquele a quem já nada importa

Que um perca e outro vença,

Se a aurora raia sempre,

Se cada ano com a primavera

As folhas aparecem

E com o outono cessam?

E o resto, as outras coisas que os humanos

Acrescentam à vida,

Que me aumentam na alma?

Nada, salvo o desejo de indiferença

E a confiança mole

Na hora fugitiva.

FELIZES

Felizes, cujos corpos sob as árvores

Jazem na húmida terra,

Que nunca mais sofrem o sol, ou sabem

Das doenças da lua.

Verta Éolo a caverna inteira sobre

O orbe esfarrapado,

Lance Neptuno, em cheias mãos, ao alto

As ondas estoirando.

Tudo lhe é nada, e o próprio pegureiro

Que passa, finda a tarde,

Sob a árvore onde jaz quem foi a sombra

Imperfeita de um deus,

Não sabe que os seus passos vão cobrindo

O que podia ser,

Se a vida fosse sempre vida, a glória

De uma beleza eterna.

SEGUE O TEU DESTINO

Segue o teu destino,

Rega as tuas plantas,

Ama as tuas rosas.

O resto é a sombra

De árvores alheias.

A realidade

Sempre é mais ou menos

Do que nós queremos.

Só nós somos sempre

Iguais a nós-próprios.

Suave é viver só.

Grande e nobre é sempre

Viver simplesmente.

Deixa a dor nas aras

Como ex-voto aos deuses.

Vê de longe a vida.

Nunca a interrogues.

Ela nada pode

Dizer-te. A resposta

Está além dos deuses.

Mas serenamente

Imita o Olimpo

No teu coração.

Os deuses são deuses

Porque não se pensam.

FELIZ AQUELE A QUEM A VIDA GRATA

Feliz aquele a quem a vida grata

Concedeu que dos deuses se lembrasse

E visse como eles

Estas terrenas coisas onde mora

Um reflexo mortal da imortal vida.

Feliz, que quando a hora tributária

Transpor seu átrio por que a Parca corte

O fio fiado até ao fim,

Gozar poderá o alto prémio

De errar no Averno grato abrigo

Da convivência.

Mas aquele que quer Cristo antepor

Aos mais antigos Deuses que no Olimpo

Seguiram a Saturno -

O seu blasfemo ser abandonado

Na fria expiação - até que os Deuses

De quem se esqueceu deles se recordem -

Erra, sombra inquieta, incertamente,

Nem a viúva lhe põe na boca

O óbolo a Caronte grato,

E sobre o seu corpo insepulto

Não deita terra o viandante.

NÃO A TI, CRISTO (1)

Não a Ti, Cristo, odeio ou te não quero.

Em ti como nos outros creio deuses mais velhos.

Só te tenho por não mais nem menos

Do que eles, mas mais novo apenas.

Odeio-os sim, e a esses com calma aborreço,

Que te querem acima dos outros teus iguais deuses.

Quero-te onde tu estás, nem mais alto

Nem mais baixo que eles, tu apenas.

Deus triste, preciso talvez porque nenhum havia

Como tu, um a mais no Panteão e no culto,

Nada mais, nem mais alto nem mais puro

Porque para tudo havia deuses, menos tu.

Cura tu, idólatra exclusivo de Cristo, que a vida

É múltipla e todos os dias são diferentes dos outros,

E só sendo múltiplos como eles

Estaremos com a verdade e sós.

NÃO A TI, CRISTO (2)

Não a Ti, Cristo, odeio ou menosprezo

Que aos outros deuses que te precederam

Na memória dos homens.

Nem mais nem menos és, mas outro deus.

No Panteão faltavas. Pois que vieste

No Panteão o teu lugar ocupa,

Mas cuida não procures

Usurpar o que aos outros é devido.

Teu vulto triste e comovido sobre

A estéril dor da humanidade antiga

Sim, nova pulcritude

Trouxe ao antigo Panteão incerto.

Mas que os teus crentes te não ergam sobre

Outros, antigos deuses que dataram

Por filhos de Saturno

De mais perto da origem igual das coisas.

E melhores memórias recolheram

Do primitivo caos e da Noite

Onde os deuses não são

Mais que as estrelas súbditas do Fado.

Tu não és mais que um deus a mais no eterno

Não a ti, mas aos teus, odeio, Cristo.

Panteão que preside

À nossa vida incerta.

Nem maior nem menor que os novos deuses,

Tua sombria forma dolorida

Trouxe algo que faltava

Ao número dos divos.

Por isso reina a par de outros no Olimpo,

Ou pela triste terra se quiseres

Vai enxugar o pranto

Dos humanos que sofrem.

Não venham, porém, estultos teus cultores

Em teu nome vedar o eterno culto

Das presenças maiores

Ou parceiras da tua.

A esses, sim, do âmago eu odeio

Do crente peito, e a esses eu não sigo,

Supersticiosos leigos

Na ciência dos deuses.

Ah, aumentai, não combatendo nunca.

Enriquecei o Olimpo, aos deuses dando

Cada vez maior força

Pelo número maior.

Basta os males que o Fado as Parcas fez

Por seu intuito natural fazerem.

Nós homens nos façamos

Unidos pelos deuses.

MEDO DO DESTINO

Sofro, Lídia, do medo do destino.

A leve pedra que um momento ergue

As lisas rodas do meu carro, aterra

Meu coração.

Tudo quanto me ameace de mudar-me

Para melhor que seja, odeio e fujo.

Deixem-me os deuses minha vida sempre

Sem renovar

Meus dias, mas que um passe e outro passe

Ficando eu sempre quase o mesmo, indo

Para a velhice como um dia entra

No anoitecer.

AS ONDAS

Uma após uma, as ondas apressadas

Enrolam o seu verde movimento

E chiam a alva espuma

No moreno das praias.

Uma após uma, as nuvens vagarosas

Rasgam o seu redondo movimento

E o sol aquece o espaço

Do ar entre as nuvens escassas.

Indiferente a mim e eu a ela,

A natureza deste dia calmo

Furta pouco ao meu senso

De se esvair o tempo.

Só uma vaga pena inconsequente

Pára um momento à porta da minha alma

E após fitar-me um pouco

Passa, a sorrir de nada.

SEGURO ASSENTO NA COLUNA FIRME

Seguro assento na coluna firme

Dos versos em que fico,

Nem temo o influxo inúmero futuro

Dos tempos e do olvido;

Que a mente, quando, fixa, em si contempla

Os reflexos do mundo,

Deles se plasma torna, e à arte o mundo

Cria, que não a mente.

Assim na placa o externo instante grava

Seu ser, durando nela.

NÃO QUERO AS OFERENDAS

Não quero as oferendas

Com que fingis, sinceros,

Dar-me os dons que me dais.

Dais-me o que perderei,

Chorando-o, duas vezes,

Por vosso e meu, perdido.

Antes mo prometais

Sem mo dardes, que a perda

Será mais na esperança

Que na recordação.

Não terei mais desgosto

Que o contínuo da vida,

Vendo que com os dias

Tarda o que espera, e é nada.

IEDA

Vossa formosa juventude Ieda,

Vossa felicidade pensativa,

Vosso modo de olhar a quem vos olha,

Vosso não conhecer-vos -

Tudo quanto vós sois, que vos semelha

À vida universal que vos esquece

Dá carinho de amor a quem vos ama

Por serdes não lembrando

Quanta igual mocidade a eterna praia

De Cronos, pai injusto da justiça,

Ondas, quebrou, deixando à só memória

Um branco som de espuma.

NÃO CANTO A NOITE

Não canto a noite porque no meu canto

O sol que canto acabara em noite.

Não ignoro o que esqueço.

Canto por esquecê-lo.

Pudesse eu suspender, inda que em sonho,

O Apolíneo curso, e conhecer-me,

Inda que louco, gémeo

De uma hora imperecível!

NÃO QUERO RECORDAR

Não quero recordar nem conhecer-me.

Somos demais se olhamos em quem somos.

Ignorar que vivemos

Cumpre bastante a vida.

Tanto quanto vivemos, vive a hora

Em que vivemos, igualmente morta

Quando passa connosco,

Que passamos com ela.

Se sabê-lo não serve de sabê-lo

(Pois sem poder que vale conhecermos?)

Melhor vida é a vida

Que dura sem medir-se.

A ABELHA

A abelha que, voando, freme sobre

A colorida flor, e pousa, quase

Sem diferença dela

À vista que não olha,

Não mudou desde Cécrops. Só quem vive

Uma vida com ser que se conhece

Envelhece, distinto

Da espécie de que vive.

Ela é a mesma que outra que não ela.

Só nós - ó tempo, ó alma, ó vida, ó morte! -

Mortalmente compramos

Ter mais vida que a vida.

DIA APÓS DIA

Dia após dia a mesma vida é a mesma.

O que decorre, Lídia,

No que nós somos como em que não somos

Igualmente decorre.

Colhido, o fruto deperece; e cai

Nunca sendo colhido.

Igual é o fado, quer o procuremos,

Quer o esperemos. Sorte

Hoje, Destino sempre, e nesta ou nessa

Forma alheio e invencível.

FLORES QUE COLHO

Flores que colho, ou deixo,

Vosso destino é o mesmo.

Via que sigo, chegas

Não sei aonde eu chego.

Nada somos que valha,

Somo-lo mais que em vão.

A FLOR QUE ÉS

A flor que és, não a que dás, eu quero.

Porque me negas o que te não peço.

Tempo há para negares

Depois de teres dado.

Flor, sê-me flor! Se te colher avaro

A mão da infausta esfinge, tu perene

Sombra errarás absurda,

Buscando o que não deste.

MELHOR DESTINO QUE O DE CONHECER-SE

Melhor destino que o de conhecer-se

Não frui quem mente frui. Antes, sabendo,

Ser nada, que ignorando:

Nada dentro de nada.

Se não houver em mim poder que vença

As Parcas três e as moles do futuro,

Já me deem os deuses

O poder de sabê-lo;

E a beleza, incriável por meu sestro,

Eu goze externa e dada, repetida

Em meus passivos olhos,

Lagos que a morte seca.

VERÃO

De novo traz as aparentes novas

Flores o verão novo, e novamente

Verdesce a cor antiga

Das folhas redivivas.

Não mais, não mais dele o infecundo abismo,

Que mudo sorve o que mal somos, torna

À clara luz superna

A presença vivida.

Não mais; e a prole a que, pensando, dera

A vida da razão, em vão o chama,

Que as nove chaves fecham,

Da Estige irreversível.

O que foi como um deus entre os que cantam,

O que do Olimpo as vozes, que chamavam,

Escutando ouviu, e, ouvindo,

Entendeu, hoje é nada.

Tecei embora as, que teceis, Grinaldas.

Quem coroais, não coroando a ele?

Votivas as deponde,

Fúnebres sem ter culto.

Fique, porém, livre da leiva e do Orco,

A fama; e tu, que Ulisses erigira,

Tu, em teus sete montes,

Orgulha-te materna,

Igual, desde ele às sete que contendem

Cidades por Homero, ou alcaica Lesbos,

Ou heptápila Tebas

Ogígia mãe de Píndaro.

QUÃO BREVE TEMPO É A MAIS LONGA VIDA

Quão breve tempo é a mais longa vida

E a juventude nela! Ah!, Cloe, Cloe,

Se não amo nem bebo,

Nem sem querer não penso,

Pesa-me a lei inimplorável, dói-me

A hora invita, o tempo que não cessa,

E aos ouvidos me sobe

Dos juncos o ruído

Na oculta margem onde os lírios frios

Da ínfera leiva crescem, e a corrente

Não sabe onde é o dia,

Sussurro gemebundo.

TÃO CEDO PASSA TUDO QUANTO PASSA

Tão cedo passa tudo quanto passa!

Morre tão jovem ante os deuses quanto

Morre! Tudo é tão pouco!

Nada se sabe, tudo se imagina.

Circunda-te de rosas, ama, bebe

E cala. O mais é nada.

PRAZER

Prazer, mas devagar,

Lídia, que a sorte àqueles não é grata

Que lhe das mãos arrancam.

Furtivos retiremos do horto mundo

Os depredados pomos.

Não despertemos, onde dorme, a Erínis

Que cada gozo trava.

Corno um regato, mudos passageiros,

Gozemos escondidos.

A sorte inveja, Lídia. Emudeçamos.

CAMPO LAVRANDO

Este, seu escasso campo ora lavrando,

Ora solene, olhando-o com a vista

De quem a um filho olha, goza incerto

A não-pensada vida.

Das fingidas fronteiras a mudança

O arado lhe não tolhe, nem o empece

Per que concílios se o destino rege

Dos povos pacientes.

Pouco mais no presente do futuro

Que as ervas que arrancou, seguro vive

A antiga vida que não torna, e fica,

Filhos, diversa e sua.

BEIJO

Como se cada beijo

Fora de despedida,

Minha Cloé, beijemo-nos, amando.

Talvez que já nos toque

No ombro a mão, que chama

À barca que não vem senão vazia;

E que no mesmo feixe

Ata o que mútuos fomos

E a alheia soma universal da vida.

TUAS, NÃO MINHAS

Tuas, não minhas, teço estas grinaldas,

Que em minha fronte renovadas ponho.

Para mim tece as tuas,

Que as minhas eu não vejo.

Se não pesar na vida melhor gozo

Que o vermo-nos, vejamo-nos, e, vendo,

Surdos conciliemos

O insubsistente surdo.

Coroemo-nos pois uns para os outros,

E brindemos uníssonos à sorte

Que houver, até que chegue

A hora do barqueiro.

OLHO OS CAMPOS

Olho os campos, Neera,

Campos, campos, e sofro

Já o frio da sombra

Em que não terei olhos.

A caveira ante-sinto

Que serei não sentindo,

Ou só quanto o que ignoro

Me incógnito ministre.

E menos ao instante

Choro, que a mim futuro,

Súbdito ausente e nulo

Do universal destino.

NO CICLO ETERNO

No ciclo eterno das mudáveis coisas

Novo inverno após novo outono volve

À diferente terra

Com a mesma maneira.

Porém a mim nem me acha diferente

Nem diferente deixa-me, fechado

Na clausura maligna

Da índole indecisa.

Presa da pálida fatalidade

De não mudar-me, me infiel renovo

Aos propósitos mudos

Morituros e infindos.

VELHICE

Já sobre a fronte vã se me acinzenta

O cabelo do jovem que perdi.

Meus olhos brilham menos.

Já não tem jus a beijos minha boca.

Se me ainda amas, por amor não ames:

Traíras-me comigo.

O VINHO

Não só vinho, mas nele o olvido, deito

Na taça: serei ledo, porque a dita

É ignara. Quem, lembrando

Ou prevendo, sorrira?

Dos brutos, não a vida, senão a alma,

Consigamos, pensando; recolhidos

No impalpável destino

Que não espera nem lembra.

Com mão mortal elevo à mortal boca

Em frágil taça o passageiro vinho,

Baços os olhos feitos

Para deixar de ver.

QUANTA TRISTEZA

Quanta tristeza e amargura afoga

Em confusão a estreita vida!

Quanto Infortúnio mesquinho

Nos oprime supremo!

Feliz ou o bruto que nos verdes campos

Pasce, para si mesmo anónimo, e entra

Na morte como em casa;

Ou o sábio que, perdido

Na ciência, a fútil vida austera eleva

Além da nossa, como o fumo que ergue

Braços que se desfazem

A um céu inexistente.

FRUTOS

Frutos, dão-nos as árvores que vivem,

Não a iludida mente, que só se orna

Das flores lívidas

Do íntimo abismo.

Quantos reinos nos seres e nas cousas

Te não talhaste imaginário! Quantos,

Com a charrua,

Sonhos, cidades!

Ah, não consegues contra o adverso muito

Criar mais que propósitos frustrados!

Abdica e sê

Rei de ti mesmo.

GOZO SONHADO É GOZO

Gozo sonhado é gozo, ainda que em sonho.

Nós o que nos supomos nos fazemos,

Se com atenta mente

Resistirmos em crê-lo.

Não, pois, meu modo de pensar nas coisas,

Nos seres e no fado me consumo.

Para mim crio tanto

Quanto para mim crio.

Fora de mim, alheio ao em que penso,

O Fado cumpre-se. Porém eu me cumpro

Segundo o âmbito breve

Do que de meu me é dado.

NUVEM

Solene passa sobre a fértil terra

A branca, inútil nuvem fugidia,

Que um negro instante de entre os campos ergue

Um sopro arrefecido.

Tal me alta na alma a lenta ideia voa

E me enegrece a mente, mas já torno,

Como a si mesmo o mesmo campo, ao dia

Da imperfeita vida.

ATRÁS NÃO TORNA

Atrás não torna, nem, como Orfeu, volve

Sua face, Saturno.

Sua severa fronte reconhece

Só o lugar do futuro.

Não temos mais decerto que o instante

Em que o pensamos certo.

Não o pensemos, pois, mas o façamos

Certo sem pensamento.

A NADA IMPLORAM

A nada imploram as tuas mãos já coisas,

Nem convencem os teus lábios já parados,

No abafo subterrâneo

Da húmida imposta terra.

Só talvez o sorriso com que amavas

Te embalsama remota, e nas memórias

Te ergue qual eras, hoje

Cortiço apodrecido.

E o nome inútil que teu corpo morto

Usou, vivo, na terra, como uma alma,

Não lembra. A ode grava,

Anónimo, um sorriso.

UM CORPO

Aqui, dizeis, na cova a que me abeiro,

Não está quem eu amei. Olhar nem riso

Se escondem nesta leira.

Ah, mas olhos e boca aqui se escondem!

Mãos apertei, não alma, e aqui jazem.

Homem, um corpo choro!

ONDA

Lenta, descansa a onda que a maré deixa.

Pesada cede. Tudo é sossegado.

Só o que é de homem se ouve.

Cresce a vinda da lua.

Nesta hora, Lídia ou Neera Ou Cloe,

Qualquer de vós me é estranha, que me inclino

Para o segredo dito

Pelo silêncio incerto.

Tomo nas mãos, como caveira, ou chave

De supérfluo sepulcro, o meu destino,

E ignaro o aborreço

Sem coração que o sinta.

O SONO É BOM

O sono é bom pois despertamos dele

Para saber que é bom. Se a morte é sono

Despertaremos dela;

Se não, e não é sono,

Conquanto em nós é nosso a refusemos

Enquanto em nossos corpos condenados

Dura, do carcereiro,

A licença indecisa.

Lídia, a vida mais vil antes que a morte,

Que desconheço, quero; e as flores colho

Que te entrego, votivas

De um pequeno destino.

O RASTRO BREVE

O rastro breve que das ervas moles

Ergue o pé findo, o eco que oco coa,

A sombra que se adumbra,

O branco que a nau larga -

Nem maior nem melhor deixa a alma às almas,

O ido aos indos. A lembrança esquece,

Mortos, ainda morremos.

Lídia, somos só nossos.

FIM CERTEIRO

Pesa o decreto atroz do fim certeiro.

Pesa a sentença igual do juiz ignoto

Em cada cerviz néscia. É entrudo e riem.

Felizes, porque neles pensa e sente

A vida, que não eles!

Se a ciência é vida, sábio é só o néscio.

Quão pouca diferença a mente interna

Do homem da dos brutos! Sus! Deixai

Brincar os moribundos!

De rosas, inda que de falsas teçam

Capelas veras. Breve e vão é o tempo

Que lhes é dado, e por misericórdia

Breve nem vão sentido.

NOS ALTOS RAMOS DE ÁRVORES

Nos altos ramos de árvores frondosas

O vento faz um rumor frio e alto,

Nesta floresta, em este som me perco

E sozinho medito.

Assim no mundo, acima do que sinto,

Um vento faz a vida, e a deixa, e a toma,

E nada tem sentido - nem a alma

Com que penso sozinho.

INGLÓRIA É A VIDA

Inglória é a vida, e inglório o conhecê-la.

Quantos, se pensam, não se reconhecem

Os que se conheceram!

A cada hora se muda não só a hora

Mas o que se crê nela, e a vida passa

Entre viver e ser.

MORTE

Tudo que cessa é morte, e a morte é nossa

Se é para nós que cessa. Aquele arbusto

Fenece, e vai com ele

Parte da minha vida

Em tudo quanto olhei fiquei em parte.

Com tudo quanto vi, se passa, passo,

Nem distingue a memória

Do que vi do que fui.

FADO

A cada qual, como a estatura, é dada

A justiça: uns faz altos

O fado, outros felizes.

Nada é prémio: sucede o que acontece.

Nada, Lídia, devemos

Ao fado, senão tê-lo.

NEM DA ERVA HUMILDE

Nem da erva humilde se o Destino esquece.

Saiba a lei o que vive.

De sua natureza murcham rosas

E prazeres se acabam.

Quem nos conhece, amigo, tais quais fomos?

Nem nós os conhecemos.

QUEM DIZ AO DIA

Quem diz ao dia, dura! E à treva, acaba!

E a si não diz, não digas!

Sentinelas absurdas, vigilamos,

Ínscios dos contendentes.

Uns sob o frio, outros no ar brando, guardam

O posto e a insciência sua.

NEGUE-ME TUDO A SORTE

Negue-me tudo a sorte, menos vê-la,

Que eu, estoico sem dureza,

Na sentença gravada do Destino

Quero gozar as letras.

SE RECORDO QUEM FUI

Se recordo quem fui, outrem me vejo,

E o passado é o presente na lembrança.

Quem fui é alguém que amo

Porém somente em sonho.

E a saudade que me aflige a mente

Não é de mim nem do passado visto,

Senão de quem habito

Por trás dos olhos cegos.

Nada, senão o instante, me conhece.

Minha mesma lembrança é nada, e sinto

Que quem sou e quem fui

São sonhos diferentes.

QUANDO, LÍDIA, VIER O NOSSO OUTONO

Quando, Lídia, vier o nosso outono

Com o inverno que há nele, reservemos

Um pensamento, não para a futura

Primavera, que é de outrem,

Nem para o estio, de quem somos mortos,

Senão para o que fica do que passa

O amarelo atual que as folhas vivem

E as torna diferentes.

A BRISA DA MANHÃ

Ténue, como se de Éolo a esquecessem,

A brisa da manhã titila o campo,

E há começo do sol.

Não desejemos, Lídia, nesta hora

Mais sol do que ela, nem mais alta brisa

Que a que é pequena e existe.

DOZE MESES

No breve número de doze meses

O ano passa, e breves são os anos,

Poucos a vida dura.

Que são doze ou sessenta na floresta

Dos números, e quanto pouco falta

Para o fim do futuro!

Dois terços já, tão rápido, do curso

Que me é imposto correr descendo, passo.

Apresso, e breve acabo.

Dado em declive deixo, e invicto apresso

O moribundo passo.

NÃO SEI DE QUEM RECORDO

Não sei de quem recordo, meu passado

Que outrem fui, quando o fui; nem me conheço

Como sentindo com minha alma aquela

Alma que a sentir lembro.

De dia a outro nos desamparamos.

Nada de verdadeiro a nós nos une

Somos quem somos, e quem fomos foi

Coisa vista por dentro.

O QUE SENTIMOS

O que sentimos, não o que é sentido,

É o que temos. Claro, o inverno triste

Como à sorte o acolhamos.

Haja inverno na terra, não na mente.

E, amor a amor, ou livro a livro, amemos

Nossa caveira breve.

QUER POUCO: TERÁS TUDO

Quer pouco: terás tudo.

Quer nada: serás livre.

O mesmo amor que tenham

Por nós, quer-nos, oprime-nos.

HOMEM, É IGUAL AOS DEUSES

Não só quem nos odeia ou nos inveja

Nos limita e oprime; quem nos ama

Não menos nos limita.

Que os deuses me concedam que, despido

De afetos, tenha a fria liberdade

Dos píncaros sem nada.

Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada

É livre; quem não tem, e não deseja,

Homem, é igual aos deuses.

NÃO QUERO, CLOE

Não quero, Cloe, teu amor, que oprime

Porque me exige amor. Quero ser livre.

A esperança é um dever do sentimento.

NÃO SEI SE É AMOR QUE TENS

Não sei se é amor que tens, ou amor que finges,

O que me dás. Dás-mo. Tanto me basta.

Já que o não sou por tempo,

Seja eu jovem por erro.

Pouco os deuses nos dão, e o pouco é falso.

Porém, se o dão, falso que seja, a dádiva

É verdadeira. Aceito,

Cerro olhos: é bastante.

Que mais quero?

NUNCA A ALHEIA VONTADE

Nunca a alheia vontade, inda que grata,

Cumpras por própria. Manda no que fazes,

Nem de ti mesmo servo.

Ninguém te dá quem és. Nada te mude.

Teu íntimo destino involuntário

Cumpre alto. Sê teu filho

NO MUNDO, SÓ COMIGO

No mundo, só comigo, me deixaram

Os deuses que dispõem.

Não posso contra eles: o que deram

Aceito sem mais nada.

Assim, o trigo baixa ao vento, e, quando

O vento cessa, ergue-se.

OS DEUSES E OS MESSIAS

Os deuses e os Messias que são deuses

Passam, e os sonhos vãos que são Messias.

A terra muda dura.

Nem deuses, nem Messias, nem ideias

Que trazem rosas. Minhas são se as tenho.

Se as tenho, que mais quero?

DO QUE QUERO RENEGO

Do que quero renego, se o querê-lo

Me pesa na vontade. Nada que haja

Vale que lhe concedamos

Uma atenção que doa.

Meu balde exponho à chuva, por ter água.

Minha vontade, assim, ao mundo exponho,

Recebo o que me é dado,

E o que falta não quero.

O que me é dado quero

Depois de dado, grato.

Nem quero mais que o dado

Ou que o tido desejo.

SIM, SEI BEM

Sim, sei bem

Que nunca serei alguém.

Sei de sobra

Que nunca terei uma obra.

Sei, enfim,

Que nunca saberei de mim.

Sim, mas agora,

Enquanto dura esta hora,

Este luar, estes ramos,

Esta paz em que estamos,

Deixem-me crer

O que nunca poderei ser.

BREVE O DIA

Breve o dia, breve o ano, breve tudo.

Não tarda nada sermos.

Isto, pensado, me de a mente absorve

Todos mais pensamentos.

O mesmo breve ser da mágoa pesa-me,

Que, inda que mágoa, é vida.

DOMINA OU CALA

Domina ou cala. Não te percas, dando

Aquilo que não tens.

Que vale o César que serias? Goza

Bastar-te o pouco que és.

Melhor te acolhe a vil choupana dada

Que o palácio devido.

TUDO, DESDE ERMOS

Tudo, desde ermos astros afastados

A nós, nos dá o mundo

E a tudo, alheios, nos acrescentamos,

Pensando e interpretando.

A próxima erva a que não chega basta,

O que há é o melhor.

NINGUÉM

Ninguém, na vasta selva virgem

Do mundo inumerável, finalmente

Vê o Deus que conhece.

Só o que a brisa traz se ouve na brisa

O que pensamos, seja amor ou deuses,

Passa, porque passamos.

SE A CADA COISA QUE HÁ

Se a cada coisa que há, um deus compete,

Por que não haverá de mim um deus?

Por que o não serei eu?

É em mim que o deus anima

Porque eu sinto.

O mundo externo claramente vejo -

Coisas, homens, sem alma.

QUANTO FAÇAS

Quanto faças, supremamente faz.

Mais vale, se a memória é quanto temos,

Lembrar muito que pouco.

E se o muito no pouco te é possível,

Mais ampla liberdade de lembrança

Te tornará teu dono.

RASTEJA MOLE PELOS CAMPOS ERMOS

Rasteja mole pelos campos ermos

O vento sossegado.

Mais parece tremer de um tremor próprio,

Que do vento, o que é erva.

E se as nuvens no céu, brancas e altas,

Se movem, mais parecem

Que gira a terra rápida e elas passam,

Por muito altas, lentas.

Aqui neste sossego dilatado

Me esquecerei de tudo,

Nem hóspede será do que conheço

A vida que deslembro.

Assim meus dias seu decurso falso

Gozarão verdadeiro.

AZUIS OS MONTES

Azuis os montes que estão longe param.

De eles a mim o vário campo ao vento, à brisa,

Ou verde ou amarelo ou variegado,

Ondula incertamente.

Débil como uma haste de papoila

Me suporta o momento. Nada quero.

Que pesa o escrúpulo do pensamento

Na balança da vida?

Como os campos, e vário, e como eles,

Exterior a mim, me entrego, filho

Ignorado do Caos e da Noite

Às férias em que existo.

LÍDIA, IGNORAMOS

Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros

Onde que quer que estejamos.

Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros

Onde quer que moremos, Tudo é alheio

Nem fala língua nossa.

Façamos de nós mesmos o retiro

Onde esconder-nos, tímidos do insulto

Do tumulto do mundo.

Que quer o amor mais que não ser dos outros?

Como um segredo dito nos mistérios,

Seja sacro por nosso.

SEVERO NARRO

Severo narro. Quanto sinto, penso.

Palavras são ideias.

Múrmuro, o rio passa, e o que não passa,

Que é nosso, não do rio.

Assim quisesse o verso: meu e alheio

E por mim mesmo lido.

SERENO AGUARDA

Sereno aguarda o fim que pouco tarda.

Que é qualquer vida? Breves sóis e sono.

Quanto pensas emprega

Em não muito pensares.

Ao nauta o mar obscuro é a rota clara.

Tu, na confusa solidão da vida,

A ti mesmo te elege

(Não sabes de outro) o porto.

NINGUÉM A OUTRO AMA

Ninguém a outro ama, senão que ama

O que de si há nele, ou é suposto.

Nada te pese que não te amem. Sentem-te

Quem és, e és estrangeiro.

Cura de ser quem és, amam-te ou nunca.

Firme contigo, sofrerás avaro

De penas.

VIVE SEM HORAS

Vive sem horas. Quanto mede pesa,

E quanto pensas mede.

Num fluido incerto nexo, como o rio

Cujas ondas são ele,

Assim teus dias vê, e se te vires

Passar, como a outrem, cala.

NADA SOMOS

Nada fica de nada. Nada somos.

Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos

Da irrespirável treva que nos pese

Da humilde terra imposta,

Cadáveres adiados que procriam.

Leis feitas, estátuas vistas, odes findas -

Tudo tem cova sua. Se nós, carnes

A que um íntimo sol dá sangue, temos

Poente, por que não elas?

Somos contos contando contos, nada.

PARA SER GRANDE

Para ser grande, sê inteiro: nada

Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és

No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda

Brilha, porque alta vive.

QUERO IGNORADO

Quero ignorado, e calmo

Por ignorado, e próprio

Por calmo, encher meus dias

De não querer mais deles.

Aos que a riqueza toca

O ouro irrita a pele.

Aos que a fama bafeja

Embacia-se a vida.

Aos que a felicidade

É sol, virá a noite.

Mas ao que nada espera

Tudo que vem é grato.

CADA DIA SEM GOZO

Cada dia sem gozo não foi teu

Foi só durares nele. Quanto vivas

Sem que o gozes, não vives.

Não pesa que amas, bebas ou sorrias:

Basta o reflexo do sol ido na água

De um charco, se te é grato.

Feliz o a quem, por ter em coisas mínimas

Seu prazer posto, nenhum dia nega

A natural ventura!

POIS QUE NADA QUE DURE

Pois que nada que dure, ou que, durando,

Valha, neste confuso mundo obramos,

E o mesmo útil para nós perdemos

Connosco, cedo, cedo.

O prazer do momento anteponhamos

À absurda cura do futuro, cuja

Certeza única é o mal presente

Com que o seu bem compramos.

Amanhã não existe. Meu somente

É o momento, eu só quem existe

Neste instante, que pode o derradeiro

Ser de quem finjo ser?

ESTÁS SÓ

Estás só. Ninguém o sabe. Cala e finge.

Mas finge sem fingimento.

Nada esperes que em ti já não exista,

Cada um consigo é triste.

Tens sol se há sol, ramos se ramos buscas,

Sorte se a sorte é dada.

AQUI, NESTE MISÉRRIMO DESTERRO

Aqui, neste misérrimo desterro

Onde nem desterrado estou, habito,

Fiel, sem que queira, àquele antigo erro

Pelo qual sou proscrito.

O erro de querer ser igual a alguém

Feliz em suma - quanto a sorte deu

A cada coração o único bem

De ele poder ser seu.

COLHE O DIA

Uns, com os olhos postos no passado,

Veem o que não veem: outros, fitos

Os mesmos olhos no futuro, veem

O que não pode ver-se.

Por que tão longe ir pôr o que está perto -

A segurança nossa? Este é o dia,

Esta é a hora, este o momento, isto

É quem somos, e é tudo.

Perene flui a interminável hora

Que nos confessa nulos. No mesmo hausto

Em que vivemos, morreremos. Colhe

O dia, porque és ele.

SÚBDITO INÚTIL

Súbdito inútil de astros dominantes,

Passageiros como eu, vivo uma vida

Que não quero nem amo,

Minha porque sou ela,

No ergástulo de ser quem sou, contudo,

De em mim pensar me livro, olhando no alto

Os astros que dominam

Submissos de os ver brilhar.

Vastidão vã que finge de infinito

(Como se o infinito se pudesse ver!) -

Dá-me ela a liberdade?

Como, se ela a não tem?

AGUARDO

Aguardo, equânime, o que não conheço -

Meu futuro e o de tudo.

No fim tudo será silêncio, salvo

Onde o mar banhar nada.

VIVEM EM NÓS INÚMEROS

Vivem em nós inúmeros;

Se penso ou sinto, ignoro

Quem é que pensa ou sente.

Sou somente o lugar

Onde se sente ou pensa.

Tenho mais almas que uma.

Há mais eus do que eu mesmo.

Existo todavia

Indiferente a todos.

Faço-os calar: eu falo.

Os impulsos cruzados

Do que sinto ou não sinto

Disputam em quem sou.

Ignoro-os. Nada ditam

A quem me sei: eu escrevo.

PONHO NA ALTIVA MENTE O FIXO ESFORÇO

Ponho na altiva mente o fixo esforço

Da altura, e à sorte deixo,

E as suas leis, o verso;

Que, quanto é alto e régio o pensamento,

Súbita a frase o busca

E o escravo ritmo o serve.

TEMO, LÍDIA

Temo, Lídia, o destino. Nada é certo.

Em qualquer hora pode suceder-nos

O que nos tudo mude.

Fora do conhecido é estranho o passo

Que próprio damos. Graves numes guardam

As lindas do que é uso.

Não somos deuses; cegos, receemos,

E a parca dada vida anteponhamos

À novidade, abismo.

NÃO QUEIRAS, LÍDIA

Não queiras, Lídia, edificar no espaço

Que figuras futuro, ou prometer-te

Amanhã. Cumpre-te hoje, não esperando.

Tu mesma és tua vida.

Não te destines, que não és futura.

Quem sabe se, entre a taça que esvazias,

E ela de novo enchida, não te a sorte

Interpõe o abismo?

SAUDOSO JÁ DESTE VERÃO

Saudoso já deste verão que veio,

Lágrimas para as flores dele emprego

Na lembrança invertida

De quando hei de perdê-las.

Transpostos os portais irreparáveis

De cada ano, me antecipo a sombra

Em que hei de errar, sem flores,

No abismo rumoroso.

E colho a rosa porque a sorte manda.

Marcenda, guardo-a; murche-se comigo

Antes que com a curva

Diurna da ampla terra.

DEIXEMOS, LÍDIA

Deixemos, Lídia, a ciência que não põe

Mais flores do que Flora pelos campos,

Nem dá de Apolo ao carro

Outro curso que Apolo.

Contemplação estéril e longínqua

Das coisas próximas, deixemos que ela

Olhe até não ver nada

Com seus cansados olhos.

Vê como Ceres é a mesma sempre

E como os louros campos intumesce

E os cala prás avenas

Dos agrados de Pã.

Vê como com seu jeito sempre antigo

Aprendido no origem azul dos deuses,

As ninfas não sossegam

Na sua dança eterna.

E como as hamadríades constantes

Murmuram pelos rumos das florestas

E atrasam o deus Pã.

Na atenção à sua flauta.

Não de outro modo mais divino ou menos

Deve aprazer-nos conduzir a vida,

Quer sob o ouro de Apolo

Ou a prata de Diana.

Quer troe Júpiter nos céus toldados.

Quer apedreje com as suas ondas

Neptuno as planas praias

E os erguidos rochedos.

Do mesmo modo a vida é sempre a mesma.

Nós não vemos as Parcas acabarem-nos.

Por isso as esqueçamos

Como se não houvessem.

Colhendo flores ou ouvindo as fontes

A vida passa como se temêssemos.

Não nos vale pensarmos

No futuro sabido

Que aos nossos olhos tirará Apolo

E nos porá longe de Ceres e onde

Nenhum Pã cace à flauta

Nenhuma branca ninfa.

Só as horas serenas reservando

Por nossas, companheiros na malícia

De ir imitando os deuses

Até sentir-lhe a calma.

Venha depois com as suas cãs caídas

A velhice, que os deuses concederam

Que esta hora por ser sua

Não sofra de Saturno

Mas seja o templo onde sejamos deuses

Inda que apenas, Lídia, para nós próprios

Nem precisam de crentes

Os que de si o foram.

É TÃO SUAVE A FUGA DESTE DIA

É tão suave a fuga deste dia,

Lídia, que não parece, que vivemos.

Sem dúvida que os deuses

Nos são gratos esta hora,

Em paga nobre desta fé que temos

Na exilada verdade dos seus corpos

Nos dão o alto prémio

De nos deixarem ser

Convivas lúcidos da sua calma,

Herdeiros um momento do seu jeito

De viver toda a vida

Dentro dum só momento,

Dum só momento, Lídia, em que afastados

Das terrenas angústias recebemos

Olímpicas delícias

Dentro das nossas almas.

E um só momento nos sentimos deuses

Imortais pela calma que vestimos

E a altiva indiferença

Às coisas passageiras

Como quem guarda a coroa da vitória

Estes fanados louros de um só dia

Guardemos para termos,

No futuro enrugado,

Perene à nossa vista a certa prova

De que um momento os deuses nos amaram

E nos deram uma hora

Não nossa, mas do Olimpo.

PARA OS DEUSES...

Para os deuses as coisas são mais coisas.

Não mais longe eles veem, mas mais claro

Na certa Natureza

E a contornada vida...

Não no vago que mal veem

Orla misteriosamente os seres,

Mas nos detalhes claros

Estão seus olhos.

A Natureza é só uma superfície.

Na sua superfície ela é profunda

E tudo contém muito

Se os olhos bem olharem.

Aprende, pois, tu, das cristãs angústias,

Ó traidor à multíplice presença

Dos deuses, a não teres

Véus nos olhos nem na alma.

NO MAGNO DIA

No magno dia até os sons são claros.

Pelo repouso do amplo campo tardam.

Múrmura, a brisa cala.

Quisera, como os sons, viver das coisas

Mas não ser delas, consequência alada

Em que o real vai longe.

QUERO DOS DEUSES

Quero dos deuses só que me não lembrem.

Serei livre - sem dita nem desdita,

Como o vento que é a vida

Do ar que não é nada.

O ódio e o amor iguais nos buscam; ambos,

Cada um com seu modo, nos oprimem.

A quem deuses concedem

Nada, tem liberdade.

AOS DEUSES PEÇO

Aos deuses peço só que me concedam

O nada lhes pedir. A dita é um jugo

E o ser feliz oprime

Porque é um certo estado.

Não quieto nem inquieto meu ser calmo

Quero erguer alto acima de onde os homens

Têm prazer ou dores.

CADA UM CUMPRE O DESTINO QUE LHE CUMPRE

Cada um cumpre o destino que lhe cumpre,

E deseja o destino que deseja;

Nem cumpre o que deseja,

Nem deseja o que cumpre.

Como as pedras na orla dos canteiros

O Fado nos dispõe, e ali ficamos;

Que a Sorte nos fez postos

Onde houvemos de sê-lo.

Não tenhamos melhor conhecimento

Do que nos coube que de que nos coube.

Cumpramos o que somos.

Nada mais nos é dado.

MEU GESTO QUE DESTRÓI

Meu gesto que destrói

A mole das formigas,

Tomá-lo-ão elas por de um ser divino;

Mas eu não sou divino para mim.

Assim talvez os deuses

Para si o não sejam,

E só de serem do que nós maiores

Tirem o serem deuses para nós.

Seja qual for o certo,

Mesmo para com esses

Que cremos serem deuses, não sejamos

Inteiros numa fé talvez sem causa.

SOB A LEVE TUTELA

Sob a leve tutela

De deuses descuidosos,

Quero gastar as concedidas horas

Desta fadada vida.

Nada podendo contra

O ser que me fizeram,

Desejo ao menos que me haja o Fado

Dado a paz por destino.

Da verdade não quero

Mais que a vida; que os deuses

Dão vida e não verdade, nem talvez

Saibam qual a verdade.